

Foto: Brasil

Economistas elogiam proposta, mas com ressalvas

Embora considerem o Orçamento factível, analistas ressaltam que depende de negociação

DENISE NEUMANN
e TATIANA BAUTZER

A maior parte dos analistas acredita que o Orçamento para 2000 apresentado pelo governo é factível, mas ontem ainda havia muitas dúvidas sobre alguns pressupostos utilizados para atingir o superávit primário de 2,65% do PIB. Várias das hipóteses usadas na elaboração do Orçamento dependem de negociação com o Congresso ou de vitórias jurídicas. Outro ponto é a dependência de um forte crescimento da economia, de 4% no ano que vem, que resultará em expressivo aumento de receitas.

"Se confirmar a primeira impressão, é um Orçamento realista", observa Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central. Para o ex-ministro Mailson da Nóbrega, a projeção de receitas e despesas apresentada ontem pelo governo ficou "dentro do esperado ao incluir novas medidas para aumentar as receitas, pois era impossível fechar as contas apenas pelo lado da despesa". Para o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, o Orçamento é "factível, mas não é fácil de ser cumprido". Além do crescimento econômico de 4%, também pressupõe uma resistência muito forte à pressão por gastos, pondera.

O economista-chefe do banco ING Barings, José Carlos de Faria, diz que a expectativa de crescimento econômico de 4% não é consenso em todo o mercado. A projeção do banco é de crescimento de 3% do PIB.

Para o economista do banco Bozano, Simonsen, André Lóes, além do crescimento do PIB, o governo também foi otimista ao estimar uma elevação do faturamento das empresas de 9% reais, suficiente para elevar a arrecadação da Cofins em 21%.

Pastore considerou "realista" a previsão de ganho de



Lindauro Gómes/AE/25/6/98



Heitor Huí/AE-18/11/97

Pastore (abaixo) e Mailson: projeções não surpreenderam

**SUCESSO
DEPENDE DE
EXPANSÃO DA
ECONOMIA**

8,5% na receita embutido no Orçamento de 2000. Um aumento de 8,5%, avalia, pode até ser obtido com um crescimento de 2,0% a 2,5% no Produto Interno Bruto (PIB), considerando uma inflação de 6,0%. "O crescimento nem precisa ser de 4%", observa.

Um dos pontos que chamou a atenção do mercado foi o crescimento pequeno das despesas com custeio e capital (OCC). Para o diretor da Unibanco Asset Management, Jorge Simino, a própria programação para 99 parece otimista. Para atingir os R\$ 35,68 bilhões previstos para a conta de OCC, o governo teria de reduzir imediatamente os

gastos mensais, que estão em R\$ 3,5 bilhões, para R\$ 2,87 bilhões mensais até o fim do ano, o que representaria uma redução de 20% nas despesas mensais. Isso considerando que, no início do ano, o governo já reproucou despesas.

Para 2000, o crescimento de apenas R\$ 3,67 bilhões nas despesas da conta de OCC e a manutenção da participação de 3,67% do PIB. Para o ex-ministro Mailson da Nóbrega "É um orçamento muito apertado", afirma.

Mailson considerou importante a reedição do Fundo que permite desvincular uma parte das receitas. A legislação em vigor determina, por exemplo, que o governo destine 18% da arrecadação de impostos para a educação. Com a desvinculação, ele pode reduzir esse gasto

para 14,4% e direcionar os recursos para outras despesas, até mesmo gastos com saúde e reforma agrária ou investimentos em estradas, que estarão sendo cortados na conta de OCC.

"As condições para acalmar o mercado estão aí", avaliou Pastore, referindo-se à elevação da taxa de câmbio nas últimas semanas. Ele diz que o mercado se equivoca quando vincula superávit fiscal com aprovação das reformas, pois o ajuste de-

pende mais da qualidade do orçamento que das reformas.

O comportamento "morno" do mercado, ontem, foi um sinal de que as principais hipóteses do Orçamento de 2000 ficaram dentro do esperado, observa Marcelo Allain, economista-chefe do Banco Interamerican Express. O principal problema ainda está, diz ele, na possibilidade de frustração da receita oriunda do aumento da contribuição dos servidores ativos e

inativos, cerca de R\$ 3,1 bilhões a mais no próximo ano.

Combustíveis- O mercado viu no resultado estimado para a conta-petróleo a possibilidade de novo aumento de preços de combustíveis. O resultado positivo só poderá ser alcançado se o preço do petróleo recuar (hipótese assumida por Bier) ou o dólar cair significativamente. Se isso não ocorrer, será necessário novo aumento de preços.